ISSN 1982-1026

Boletim de História e Filosofia da Biologia

Volume 13, número 3
Setembro de 2019

Publicado pela Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB)
http://www.abfhib.org

Sumário:

1. Diretoria e Conselho da ABFHiB: Biênio 2019-2021
2. Fórum de discussão de trabalhos em desenvolvimento
3. Livros recentes de Filosofia e História da Biologia
4. Vídeos de divulgação de Filosofia e História da Biologia
5. Tradução de textos primários de história da biologia: "O primeiro relato autobiográfico de Darwin: Tradução do manuscrito "Vida" de 1838" – Pedro de Lima Navarro

1. DIRETORIA E CONSELHO DA ABFHiB: BIÊNIO 2019-2021

Na Assembleia Geral da ABFHiB realizada durante o *Encontro de História e Filosofia da Biologia 2019*, ocorreu a eleição da Diretoria e Conselho para o biênio 2019-2021:

Diretoria
Presidente: Ana Maria de Andrade Caldeira (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Bauru)
Vice-presidente: Maurício de Carvalho Ramos (Universidade de São Paulo)
Secretário: Frederico Felipe de Almeida Faria (Universidade Federal de Santa Catarina)
Tesoureira: Viviane Arruda do Carmo (GHTB/USP)

Conselho
Aldo Mellender de Araújo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Lilian Al-Chueyr Pereira Martins (FFCLRP/Universidade de São Paulo)
Maria Elice Brzezinski Prestes (Universidade de São Paulo)
Nelio Marco Vincenzo Bizzo (Universidade de São Paulo)

Neste Boletim fica registrado o agradecimento a atuação dos afiliados que compuseram a Diretoria e Conselho no biênio 2017-2019 e os votos de muito sucesso à nova gestão!

2. FÓRUM DE DISCUSSÃO DE TRABALHOS EM DESENVOLVIMENTO

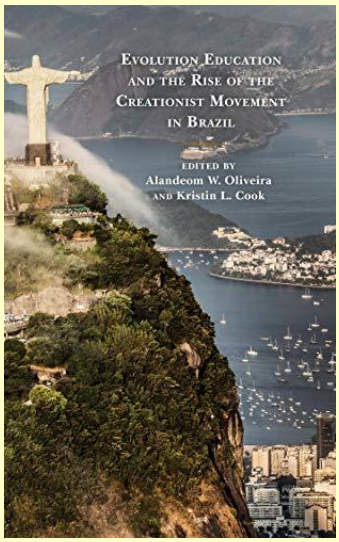
O Consórcio para História da Ciência, Tecnologia e Medicina, criado na Filadélfia em 2007, reúne acadêmicos em grupos de trabalho com reuniões mensais, nas áreas relacionadas à história da ciência, tecnologia e medicina, para compartilhamento e discussão de trabalhos em desenvolvimento. O ano acadêmico de 2019-2020 conta com grupos de trabalho para os seguintes temas:

- História das Ciências Biológicas
- História das Ciências da Terra e do Ambiente
- História da Medicina e Saúde
- História da Tecnologia

Acadêmicos interessados em participar das reuniões do grupo de trabalho em História das Ciências Biológicas são bem-vindos, tanto pessoalmente, nos escritórios do *Consortium*, na Filadélfia, como on-line, por videoconferência. Para participação pela web basta solicitar cadastro no grupo nesta página.

Mais informações podem ser obtidas no neste site do Consortium ou na sua página no Facebook.

3. LIVROS RECENTES DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA



Alandeom W. Oliveira e Kristin L. Cook (eds.)

Evolution Education and the Rise of the Creationist Movement in Brazil

London: Lexington Books, 2019
257 p.

O livro *Evolution Education and the Rise of the Creationist Movement in Brazial* (Ensino de Evolução e a Ascensão do Movimento Criacionista no Brasil) examina como forças sociais maiores, como religião, mídia e política, moldaram o cenário educacional brasileiro e impactaram o ensino e a aprendizagem da evolução em um discurso cada vez mais polarizado nos últimos anos.

Para esse fim, Alandeom W. Oliveira e Kristin Cook reuniram vários acadêmicos e profissionais da área da educação, muitos dos quais baseados no Brasil, para fornecer relatos precisos e aprofundados do ensino de evolução em sala de aula, programas de formação de professores, políticas educacionais atuais e currículos escolares. Os colaboradores também apresentam informações sobre as atitudes – e compreensão – dos professores e alunos brasileiros com relação à evolução, concepções emergentes equivocadas de evolução e comparações da aceitação e entendimento da evolução no Brasil e em outros países.

Nas três seções do livro, os leitores veem uma constelação complexa das várias esferas de pensamento sobre a evolução e seu papel no currículo do ensino fundamental e médio. Sugerindo a ascensão de um influente movimento criacionista no Brasil, o livro ilustra os processos sociológicos dinâmicos em jogo na esfera educacional da América Latina em uma era globalizada que permite a rápida viagem mundial de ideologias concorrentes. Especialistas de estudos da América Latina, religião, educação, sociologia e ciência política acharão este livro especialmente útil.

Table of Contents

1 Historical Background and the Brazilian Educational Context
Alandeom W. Oliveira, & Kristin L. Cook

Part 1. Evolutionary views, beliefs and understandings in Brazil

2 Rescuing Darwin in Brazil: How a General Population Sample Views the Teaching of Creationism and Biological Evolution
Heslley Machado Silva

3 Creationists or Evolutionists? High School Students' Conceptions on the Origin and Evolutio of Life
Pedro Teixeira

Part 2. Evolution curriculum and instruction in Brazil

4 Brazilian High School Biology Teacher's Perception on Evolution and its Teaching
Heslley Machado Silva, & Eduardo Fleury Mortimer

5 Brazilian High School Teachers' Approaches and Departures from Scientific Knowledge whe Teaching Evolutionary Theories
Rita Tatiana Cardoso Erbs, & Olma Karoline Cruz de Medeiros

6 Pedagogical Strategies for the Problem of Teleology in the Teaching of Biological Evolution
Beatriz Ceschim, & Ana Maria de Andrade Caldeira

7 Darwin's Discussion on the Origin of Fish Electric Organs: A Pedagogical Intervention in the Youth and Adult Education
Gerda Maisa Jensen, & Maria Elice de Brzezinski Prestes

8 Challenges of Understanding Macroevolution among Brazilian Biology Students and Continuing Education Efforts
Leonardo Araújo, Ronaldo Paesi, & Voltaire Paes-Neto

Part 3. International comparisons with Brazil

9 What is the Role of Sound Evidence in Evolution Education? A Research Program Following Students' Narratives in Brazil and Elsewhere
Nelio Bizzo

10 Comparative Studies of Students' Beliefs and Understandings in Brazil, Italy and Galapagos Islands
Graciela S. Oliveira, Helenadja Santos Mota, & Nelio Bizzo

11 Evolution as Creationism in Sheep's Clothing: Challenging Ideals of 'Normalcy' and 'Naturalness' in Nature and Society
Giuliano Reis, Adam Brown, Ana Julia Pedreira, Delano Silva, & Bruno Jayme

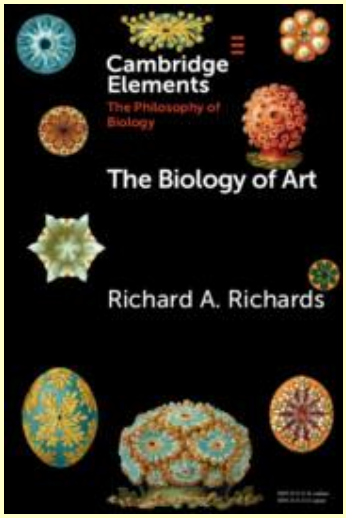
12 Epilogue
Alandeom W. Oliveira, & Kristin L. Cook

Felipe A. P. L. Costa

O que é darwinismo

Viçosa: (Edição do autor), 2019
160 p.
O livro pode ser comprado diretamente com o autor neste e-mail.

“Evolução”, “seleção natural” e “darwinismo” não são sinônimos e, portanto, não devem ser confundidos entre si. Um dos objetivos do livro *O que é darwinismo* é definir e caracterizar cada um desses termos. Paralelamente, o livro traça um esboço da história do darwinismo, ressaltando os aspectos mais notáveis de cada um dos seus principais períodos – o darwinismo primordial, o neodarwinismo e a síntese evolutiva.



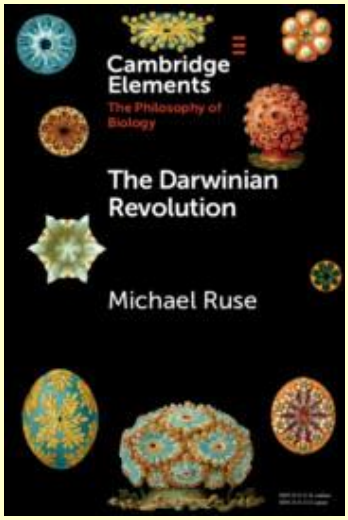
Richard A. Richards

The Biology of Art

(Elements in the Philosophy of Biology)

Cambridge: Cambridge University Press 2019
80 p.

Os relatos biológicos da arte geralmente começam com teorias evolucionárias, psicológicas ou neurobiológicas. Essas abordagens podem explicar muitas das semelhanças que vemos nos comportamentos artísticos dentro e entre as populações humanas, mas obviamente não explicam as diferenças que também observamos, nem nos orientam sobre como devemos nos engajar com a arte, ou sobre qual é a sua base conceitual. Uma abordagem mais ampla, baseada também na ecologia da arte e em como os comportamentos artísticos são expressos em áreas de engenharia, pode nos ajudar a entender melhor toda a gama de comportamentos artísticos, sua normatividade e sua base conceitual.



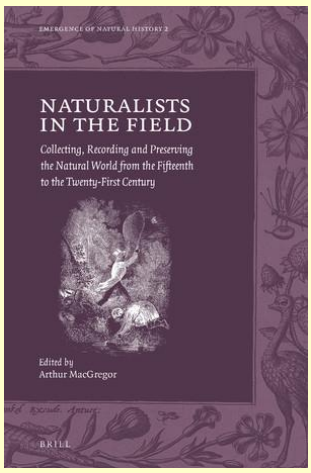
Michael Ruse

The Darwinian Revolution

(Cambridge Elements, The Philosophy of Biology)

Cambridge: Cambridge University Press, 2019
84 p.

O que é a revolução darwiniana e por que ela é importante para os filósofos? Estas são as perguntas abordadas neste volume. Em quatro seções, os tópicos abordados são: a história da revolução, se houve realmente uma revolução, a natureza da revolução e as implicações para a filosofia, tanto na epistemologia quanto na ética.



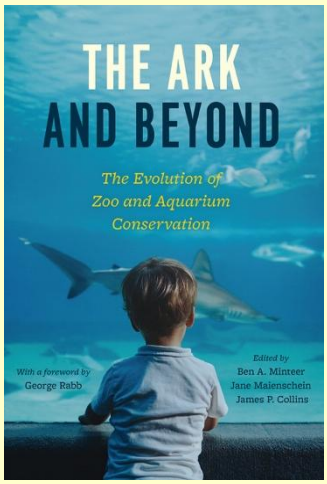
Arthur MacGregor (ed.)

Naturalists in the field:

Collecting, Recording and Preserving the Natural World from the Fifteenth to the Twenty-First Century

Leiden: Brill, 2018
xxxix + 999 p. (232 ilustrações)

O livro traz uma visão geral e extensa do campo de estudos a respeito da história do trabalho de campo nas ciências naturais. Curador e editor fundador do *Journal of the History of Collections*, Arthur MacGregor tomou a designação de "naturalista" no sentido amplo do início da idade moderna, incluindo, por exemplo, trabalhos em geografia e etnografia. Uma resenha da obra, escrita por Samuel J. M. M. Alberti, encontra-se publicada em: *Isis*, 110 (3): 576-577, September 2019.



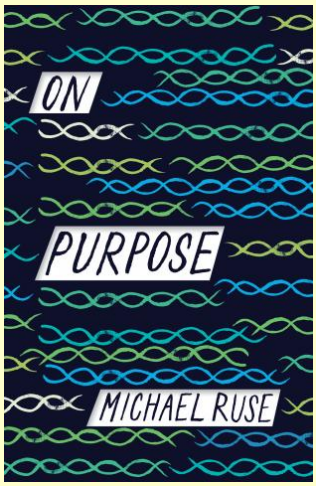
Ben A. Minteer, Jane Maienschein, James P. Collins (eds.)

The ark and beyond:

the evolution of Zoo and Aquarium conservation

Chicago: University of Chicago Press, 2018
Xiv + 454 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 578-579, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Raf De Bont.

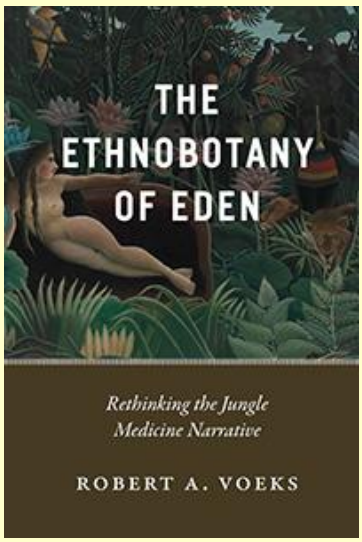


Michael Ruse

On purpose

Princeton: Princeton University Press, 2017
Xv + 294 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 580-581, September 2019, uma resenha da obra, escrita por T. D. P. Brunet.



Robert A. Voeks

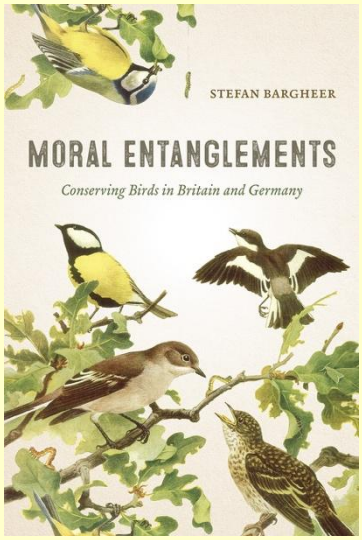
The Ethnobotany of Eden:

Rethinking the jungle medicine narrative

Chicago: The University of Chicago Press, 2018

xii + 321 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 581-582, September 2019, uma resenha da obra, escrita por David Arnold.



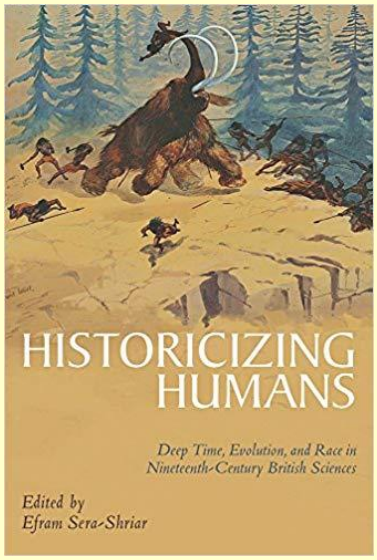
Stefan Bargheer

Moral Entanglements:

Conserving birds in Britain and Germany

Chicago: The University of Chicago Press, 2018
xiii + 326 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 608-610, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Santos Casado.



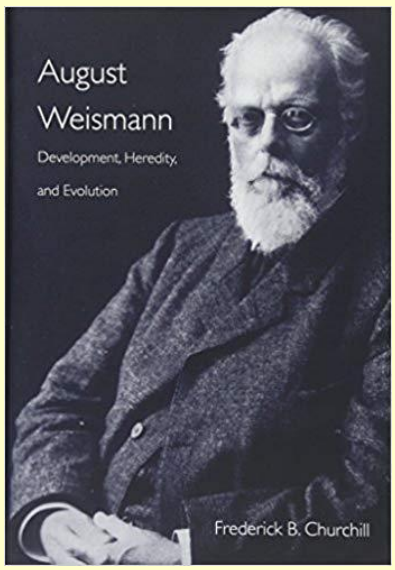
Efram Sera-Shriar (ed.)

Historicizing humans:

Deep time, evolution, and race in Nineteenth-Century British Sciences

Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 2018
vi + 326 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 611-613, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Douglas A. Lorimer.



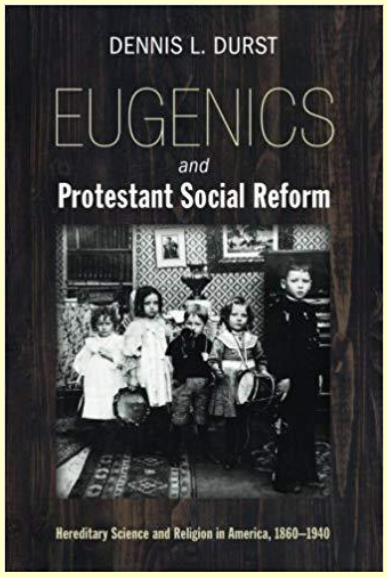
Frederick B. Churchill

August Weismann:

Development, heredity, and evolution

Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2015
xii + 700 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 620-621, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Manfred D. Laubichler.



Dennis L. Durst

Eugenics and protestant social reform:

hereditary science and religion in America, 1860-1940

Eugene, Ore.: Pickwick, 2017
xv + 218 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 625-627, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Marius Turda.

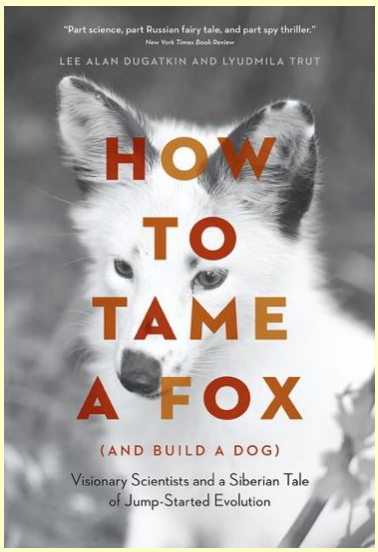
Maurizio Meloni

Political biology:

Science and social values in human heredity
from eugenics to epigenetics

New York: Palgrave Macmillan, 2016
xi + 284 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 645-646, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Manfred D. Laubichler.



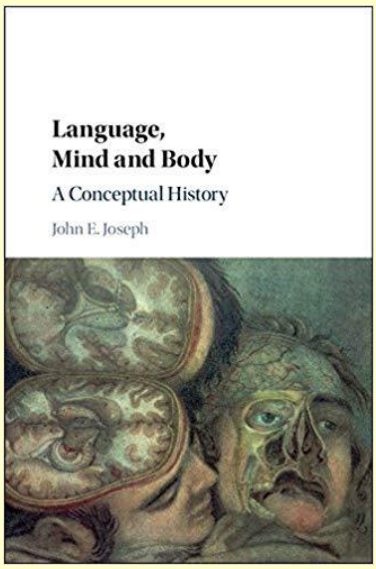
Lee Alan Dugatkin and Lyudmila Trut

How to tame a fox (and build a dog):

Visionary scientists and a Siberian tale of jump-started evolution

Chicago: The University of Chicago Press, 2018
216 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 652-654, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Marga Vicedo.



John E. Joseph

Language, mind, and body:

A conceptual history

Cambridge: Cambridge University Press, 2018
x + 282 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 572-573, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Matthew Lauzon.

Giuseppe Olmi and Fulvio Simoni (eds.)

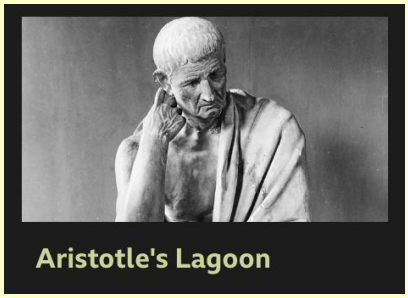
Ulisse Aldrovandi:

Libri e immagini di Storia naturale nella prima Età moderna

Bologna: Bononia University Press, 2018.
vi + 215 p.

Leia em *Isis*, 110 (3): 589-590, September 2019, uma resenha da obra, escrita por Gian Battista Vai.

4 VÍDEOS DE DIVULGAÇÃO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA



BBC. *Aristotle`s Lagoon* 1/4
BBC. *Aristotle`s Lagoon* 2/4
BBC. *Aristotle`s Lagoon* 3/4
BBC. *Aristotle`s Lagoon* 4/4

Aristotle`s Lagoon é uma série da BBC sobre os estudos dos animais de Aristóteles. No século IV a.C., o filósofo grego viajou para Lesbos, uma ilha no mar Egeu, repleta de vida selvagem. O fascínio de Aristóteles pelo que ele encontrou lá e seu estudo minucioso a respeito resultaram na publicação de várias obras que serviram de referência a gerações de naturalistas, desde as origens das ciências modernas.

O filósofo e historiador da ciência Armand Leroi segue os passos de Aristóteles para descobrir as criaturas, lugares e ideias que inspiraram o filósofo grego.

Why Philosophy of Biology?

O que é a biologia no seu sentido mais amplo e fundamental? Quais são os propósitos, significados e implicações dos fenômenos e sistemas biológicos? Perguntas específicas também podem ser feitas, tais como: O que é a vida? O que é emergência? Qual a finalidade do sexo? Por que os humanos são únicos? Quais são as origens da religião, da moralidade, da ética, do altruísmo? O que é transhumanismo? Essas questões são abordadas numa série de entrevistas (com legendas em inglês). Cada episódio traz um diferente pesquisador: Louis Caruana, Francisco J. Ayala, Raymond Tallis, Celia Deane-Drummond e Michael Ruse.

Em outro vídeo, pode-se assistir a um debate entre Michael Ruse e Neil Biggar, intitulado "Darwinismo, Cristianismo e Guerra Justa".

Darwinism, Christianity and Just War

5. TRADUÇÃO DE TEXTO PRIMÁRIO DA HISTÓRIA DA BIOLOGIA: O PRIMEIRO RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE DARWIN: TRADUÇÃO DO MANUSCRITO "VIDA" DE 1838.

Pedro de Lima Navarro
Universidade Estadual de Maringá
pedro.navarro97@hotmail.com

Em 1838, já havia dois anos que Charles Robert Darwin estava de volta a sua pátria após sua famosa viagem a bordo do Beagle. Segundo Johnathan Hodge (2003), nesses anos que morou em Londres, Darwin formulou as principais teorias que publicaria nas décadas seguintes. Um grande volume de leituras e conversas com intelectuais gerava muitas ideias em sua mente que eventualmente desaguavam em seus cadernos de notas. De fato, foi entre 1837 e 1838 que uma porção significativa do que viria a ser a teoria da evolução por seleção natural foi desenvolvida, a partir da conjugação de diversas ideias. Além disso, no mesmo período, teve início a série de cinco volumes de sua *Zoology of the voyage of the H.M.S Beagle*, na qual parte das observações de cinco anos de viagem foram compiladas.

Não é possível especular sobre o que motivou Darwin, no mês de agosto de 1838, a interromper os seus afazeres para se dedicar a escrever essas memórias. O manuscrito é escrito desordenadamente, em um fluxo de consciência, como a própria memória que vai e volta, por vezes sendo ambígua e contraditória. As palavras riscadas e as inserções de novos trechos entre linhas previamente escritas indicam, no entanto, uma preocupação com a "verdadeira memória", como se ele fosse corrigindo o que escrevia conforme se lembrava dos detalhes.

O resultado disso é um palimpsesto, uma colagem das memórias de um Darwin com quase trinta anos sobre sua infância, mais ou menos entre os quatro e onze anos de idade (1812-1820). Vemos aí as raízes do Darwin naturalista, com descrições de suas viagens em família pelo Reino Unido, sua paixão por coleções, seus comentários sobre a escola e, mais ainda, comentários próprios de um naturalista sobre a formação das memórias e instintos, que viriam a ser explorados décadas mais tarde em seu *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1872).

Para esta tradução, utilizei três versões desse relato autobiográfico: o manuscrito original, transcrito por Kees Rookmaaker; a transcrição de seu filho, Francis Darwin, publicada no primeiro volume de *More letters of Charles Darwin* (1903) com o título *An autobiographical fragment*; e a transcrição de James A. Secord publicada em *Evolutionary writings* (2008). Os dois primeiros, isto é, o manuscrito e o *More letters*, estão disponíveis no *website Darwin Online*, editado por John van Wyhe.

Aqueles que tiverem a possibilidade de comparar as três versões perceberão diferenças pontuais, mas significativas, entre elas. A transcrição de Rookmaaker é idêntica ao manuscrito, incorporando sua desorganização, erros de grafia etc., enquanto Francis Darwin segue o caminho contrário, corrigindo os erros do pai e editando o texto para facilitar a leitura, além de outras mudanças. Secord, por sua vez, mantém a grafia original, mas se permite algumas edições. Os dois últimos, Francis Darwin e James Secord, adicionaram notas em suas transcrições, algumas das quais foram traduzidas e aproveitadas aqui, iniciadas com "F. D." e "J. S." respectivamente.

Francis Darwin faz algumas referências a seu livro pretérito, *Life and letters of Charles Darwin*, no qual a autobiografia de Darwin foi publicada pela primeira vez. Entretanto, sabemos hoje que o texto foi editado em seu teor religioso a pedido da família. Para aqueles que quiserem ter acesso ao texto integral, dirigimos as citações de Francis às páginas equivalentes da versão publicada pela neta de Darwin, Nora Barlow (filha de Horace Darwin), em 1958. Ambas as versões estão disponíveis no *Darwin Online*.

As minhas notas de rodapé concernem a questões de tradução e contextualização para o leitor lusófono contemporâneo. Em especial, as informações sobre os membros da família Darwin-Wedgwood foram obtidas a partir do *Darwin pedigrees* (1984) de R. B. Freeman, também disponível no *Darwin Online*.

Preferi manter o caráter caótico e desconexo do manuscrito ao invés de tentar aumentar a fluidez de leitura, uma vez que isso implicaria a descaracterização do que torna esse fragmento autobiográfico especial (embora tenha me permitido fazer algumas alterações, principalmente com relação a disposição dos parágrafos). Espero que o leitor sinta o intimismo desse texto e possa se conectar com um inglês vitoriano que, em um tempo livre, decidiu colocar no papel suas memórias mais antigas conforme aparecem em sua mente. Talvez o leitor possa se sentir inspirado e fazer isso ele mesmo.

Agradeço a John van Wyhe (editor do *Darwin Online*), Christine Chua (editora assistente do *Darwin Online*) e Cristina de Amorim Machado (professora na Universidade Estadual de Maringá) pelas sugestões e correções em relação a primeira versão desta tradução.

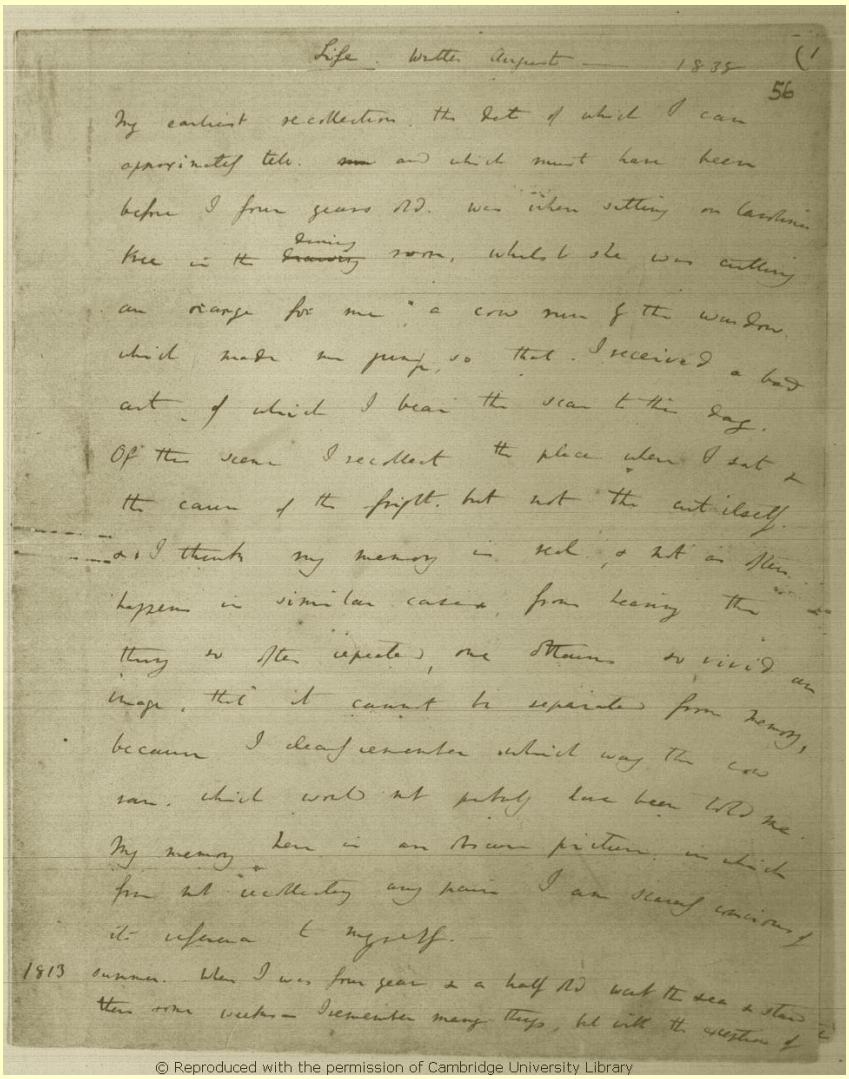

Life. Written August 1838 (1
56
My earliest recollection, the date of which I can
approximately tell, and which must have been
before I four years old, was when sitting on Caroline
Lee's lap in the ~~drawing~~ dining room, while she was cutting
an orange for me; a cow came to the window,
which made me jump, so that I received a bad
cut, of which I bear the scar to this day.
Of the scene I recollect the place where I sat &
the cause of the fright, but not the cut itself.
So I think my memory is good, & but as often
happens in similar cases, from having the
thing so often repeated, the picture so vivid an
image, that it cannot be separated from memory,
because I clearly remember which way the cow
came, which would not probably have been told me.
My memory then is an actual picture in which
for not recalling any pain I am clearly conscious of
it referring to myself.
1813 summer. When I was four year & a half old visit the sea & stay
there some weeks. I remember many things, but with the exception of
© Reproduced with the permission of Cambridge University Library

Fig. 1. Primeira página do manuscrito. (Darwin, 1838).

Referências bibliográficas:

HODGE, Jonathan. The notebook programmes and projects of Darwin's London years. Pp. 40-68, *in:* HODGE, Jonathan; RADICK, Gregory (eds.). *The Cambridge Companion to Darwin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DARWIN, Charles Robert. Autobiography. Pp. 26-107, *in*: DARWIN, Francis (ed.). *The life and letters of Charles Darwin, including an autobiographical chapter*. v. 1. London: John Murray, 1887. Disponível em: <http://darwinonline.org.uk/content/frameset?itemID=F1452.1&viewtype=text&pageseq=1>. Acesso em 09/09/2019.

DARWIN, Charles Robert. An autobiographical fragment. Pp. 1-5, *in*: DARWIN, Francis; SEWARD, Albert Charles (eds.). *More letters of Charles Darwin: a record of his work in a series*

of hitherto unpublished letters. Vol. 1. London: John Murray, 1903. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/content/frameset?itemID=F1548.1&viewtype=text&pageseq=1>. Acesso em 09/09/2019.

BARLOW, Nora (ed.); DARWIN, Charles Robert. *The autobiography of Charles Darwin (1809-1882): with the original omissions restored*. London: Collins, 1958. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/content/frameset?itemID=F1497&pageseq=1&viewtype=text>. Acesso em 09/09/2019.

DARWIN, Charles Robert. *Life (1838)*. Pp. 351-354, *in*: SECORD, James A. Charles Darwin *Evolutionary writings: Including the autobiographies*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

FREEMAN, R. B. *Darwin pedigrees*. London: Edition for the author, 1984.

TRADUÇÃO DE: DARWIN, Charles Robert. *Life. Written August: 1838 [An autobiographical fragment]*. 1838. Transcribed by Kees Rookmaaker, corrections by John van Wyhe. 9 p. Disponível em:<darwin-online.org.uk/content/frameset?pageseq=1&itemID=CUL-DAR91.56-63&viewtype=side>. Acesso em 09/09/2019.

Vida, escrito em agosto de 1838

Charles Darwin

Minha memória mais antiga, da qual posso lembrar da data aproximadamente e que deve ser de antes dos meus quatro anos[1], é de quando estava no colo de Caroline[2] na sala de jantar[3] enquanto ela descascava uma laranja para mim, uma vaca passou correndo pela janela, o que me fez pular de tal modo que fiz um corte feio do qual tenho a cicatriz até hoje. Lembro-me do lugar onde estava sentado e a causa do susto, mas não do corte em si e acredito que seja uma memória real, e não, como é comum nesses casos, que de tanto escutar algo a pessoa obtém uma imagem tão vívida que não pode ser separada da memória, pois lembro claramente a direção para a qual a vaca correu, o que provavelmente não teria sido contado para mim. Minha memória aqui é obscura, de modo que, por não lembrar de nenhuma dor, mal tenho consciência de que ela se refere a mim.

1813, verão[4]. Quando eu tinha quatro anos e meio de idade fui para a praia e fiquei lá por algumas semanas. Lembro-me de várias coisas, mas, com exceção das criadas (nenhuma individualmente), não me recordo de ninguém da minha família. Lembro-me de mim (ou Catherine[5]) sendo malcriado e, depois de trancado em um quarto, tentando quebrar as janelas.

Tenho uma imagem obscura da casa, de uma pequena loja nas redondezas cujo dono me deu um figo que, para a minha felicidade, eram, na verdade, dois. Ele me deu o figo para que pudesse dar um beijo na criada. Lembro-me de uma caminhada a um tipo de poço em uma estrada na qual havia uma choupana sombreada por cagoiçeiros[6] e habitada por um homem velho, que chamavam de eremita, com cabelos brancos, que costumava nos dar cagoiços. Não sei se foram os cagoiços ou a reverência e medo indistinto do velho homem que marcaram mais minha memória.

Eu lembro de quando ia lá de carruagem atravessando um grande vau, e do medo e encantamento com a espuma branca da água, que me deixaram uma vívida impressão. Acredito que a memória dos eventos começa de maneira abrupta, isto é, lembro-me dessas coisas muito antigas tão bem quanto outras muito mais recentes em minha vida, que foram igualmente impressionantes para mim.

Algumas lembranças mais antigas estão ligadas ao medo, em Parkfields e com a pobre Betty Harvey[7]. Eu me lembro com horror dela contar de pessoas sendo empurradas para o canal[8] pela corda de reboque, por irem do lado errado do cavalo. Eu tinha o maior horror dessa história – forte instinto contra a morte. Outras lembranças são de vaidade, por exemplo, pensar que as pessoas estavam me admirando em uma ocasião por perseverança e em outra pela coragem de escalar uma árvore baixa e, o que é mais estranho, uma consciência, como que instintiva, da minha vaidade e desprezo por mim mesmo. O suposto admirador era o velho Peter Hailes[9], o pedreiro, e a árvore era a tramazeira[10] do quintal.

Todas as minhas lembranças parecem se referir mais a mim mesmo, mas Catherine parece se recordar de cenas em que outros eram os protagonistas. Quando minha mãe[11] morreu, eu tinha oito anos e meio de idade e Catherine, um ano a menos, mas ela se lembra de todos os detalhes e eventos

de cada dia, enquanto eu não lembro de quase nada (o mesmo ocorre em muitos outros casos), com exceção de ser buscado – memória de ir ao quarto dela, meu pai nos[12] encontrando depois, aos prantos.

Eu me recordo do vestido da minha mãe e quase nada de sua aparência, exceto uma ou duas caminhadas com ela. Não tenho nenhuma lembrança distinta de conversas, apenas de natureza trivial. Eu me lembro de ela dizer "se ela me pediu para fazer alguma coisa, que eu disse que ela tinha feito, era apenas para o meu próprio bem".

[Catherine] se lembra de minha mãe chorando, ao saber da morte de minha avó. Também em Parkfields, [lembro] como as tias Sarah e Kitty[13] costumavam recebê-la, e assim com muitos outros casos. Susan[14], como eu, só se lembra de casos pessoais. É bastante estranha essa diferença de assuntos lembrados. Catherine diz que não lembra de impressões causadas por coisas externas, como uma paisagem, mas ela tem uma memória excelente para as coisas que lê, por exemplo, para *ideias*, sendo ideal à sua simpatia e parte de sua personalidade, e mostra quão cedo[15] seu tipo de memória se formou. Um pensamento vívido é repetido, uma impressão vívida é esquecida.

Tenho memórias obscuras das luzes após a batalha de Waterloo, e da milícia[16] treinando, mais ou menos nesse período, no campo oposto à nossa casa[17].

1817. Com oito anos e meio fui para a escola do Sr. Case[18]. Eu me lembro do quanto eu sentia medo de encontrar os cães da rua Barker e de que, na escola, eu não conseguia juntar coragem para lutar. Eu era muito tímido por natureza.

Eu lembro que gostava muito de pescar salamandras no tanque do pátio da escola. Já nessa idade, eu tinha desenvolvido um forte gosto por colecionar, principalmente lacres de cera, selos, etc., mas também seixos e minerais (tomei esse gosto quando ganhei um desses de um menino). Acredito que pouco depois ou antes disso já havia aprendido sobre botânica, e certamente quando estava na escola do Sr. Case já gostava muito de jardinagem e inventava algumas grandes mentiras sobre poder colorir *crocus*[19] como eu quisesse. Nessa época, eu era muito amigo de alguns meninos. Foi logo depois que comecei a colecionar rochas, com nove ou dez anos, e me recordo da vontade que eu tinha de saber alguma coisa sobre cada seixo na frente da porta da sala. É a minha mais antiga, e única, aspiração geológica da época.

Naqueles dias, eu era um contador de histórias muito bom, pelo puro prazer de chamar atenção e surpreender. Eu roubava, e escondia, frutas, pelos mesmos motivos, e tirava a casca das árvores, machucando-as, com propósitos parecidos. Quase sempre que eu saía para caminhar eu dizia que tinha visto um faisão ou um pássaro estranho (inclinação para a história natural). Presumo que essas mentiras, quando não eram descobertas, excitavam minha imaginação, pois me recordo vividamente delas, sem relação com o sentimento de vergonha, embora o tenha com algumas, mas como algo que deixou uma grande impressão na minha mente, que dava prazer como uma tragédia.

Recordo-me, quando estava na escola do Sr. Case, de inventar toda uma história para mostrar o quanto gostava de dizer a *verdade*[20]! Minha invenção ainda está tão vívida em minha mente que quase acredito que era verdadeira, não fosse pela memória da vergonha antiga confirmar que era falsa.

Não tenho lembranças particularmente felizes ou infelizes dessa época ou de outros períodos do início da minha vida. Lembro bem de uma caminhada com um menino chamado Ford por alguns campos até a casa da fazenda na estrada para Church Stretton[21]. Não me lembro de nenhum interesse intelectual a não ser colecionar rochas, etc., jardinagem e, mais ou menos nessa época, frequentemente, andar de carruagem com meu pai, contar a ele sobre minhas lições e ver aves de caça e outras aves selvagens que me deixavam maravilhado. Nasci um naturalista.

Quando eu tinha nove anos e meio (julho de 1818), fui com Erasmus[22] visitar Liverpool. Isso não deixou nenhuma impressão em minha mente, a não ser as mais vãs: medo do cocheiro ficar bravo, um bom jantar e uma memória extremamente vaga sobre navios. No meio do verão desse ano eu fui para a escola do Dr. Butler[23]. Lembro-me bem da minha primeira ida para lá, mas estranhamente não lembro da minha primeira ida para a instituição do Sr. Case, minha primeira escola. Lembro-me bem do ano de 1818, não porque fui para a escola pública, mas por escrever aqueles números em meu caderno, acompanhados de pensamentos obscuros, agora atendidos, me perguntando se eu lembraria

daquele ano no futuro.

Em setembro (1818) tive escarlatina. Lembro-me bem da sensação horrível de ficar delirante.

1819, julho (dez anos e meio de idade). Fui para a praia em Plas Edwards[24] e fiquei lá por três semanas, que hoje me parecem três meses. Lembro-me de uma certa estrada sombreada (onde vi uma cobra) e de uma cachoeira com tal prazer que deve estar ligado à beleza do cenário, embora não diretamente reconhecida assim. A planície arenosa em frente à casa deixou uma forte impressão, que é conectada de maneira confusa com insetos curiosos, provavelmente um *Cimex* pintado de vermelho; a *Zygena*[25].

Nessa época eu era muito passional (quando fazia juramentos como um escoteiro) e briguento. Acredito que essa paixão antiga praticamente sumiu ao longo do tempo. Na viagem de carruagem para lá eu lembro de um oficial recrutador (acredito que reconheceria seu rosto até hoje) que pediu à criada uma *torrada* com manteiga na hora do chá[26]. Ri demais e pensei que aquilo era a coisa mais peculiar e engraçada que já havia sido dita por alguém. Tal é o humor aos dez anos e meio de idade.

Tenho lampejos do prazer que sentia de caminhar sozinho pela praia em um dia ventoso e ver as gaivotas e os cormorões voltando para seus lugares de origem de maneira irregular e errática. Não esperava que fosse sentir tão fortemente esses prazeres poéticos nos anos seguintes da minha vida.

1820, julho. Fui a um passeio em um velho cavalo vagaroso, com Erasmus, para Pistol Rhyadwr[27]. Lembro de poucas coisas relacionadas a isso, como uma imagem indistinta da cachoeira, mas me lembro bem de ficar maravilhado ao ouvir que os peixes podiam subir por ela.

Notas:

[1] Portanto, em torno de 1812.

[2] F. D. Sua irmã, Caroline Darwin (1800-1888).

[3] F. D. No manuscrito *drawing room* (sala de estar) está riscado e pode-se ler *dining room* (sala de jantar) acima. [F. D. transcreve da primeira forma e J.S. da segunda.]

[4] F. D. omite *summer* em sua versão.

[5] F. D. Sua irmã, Catherine Darwin (1810-1866). [Originalmente esta nota aparece na segunda menção a Catherine].

[6] F. D. *Damson* é derivado de *Damascene*; a fruta era conhecida como "*Damask prune*". [F. D. refere-se à planta *Prunus insititia*, parente próxima da ameixeira, conhecida como cagoiçeiro em português].

[7] J. S. Parkfield era a casa de Sarah Wedgwood (1734-1815), avó de Darwin. Betty Harvey provavelmente era uma criada.

[8] Há uma grande rede de canais ligando as cidades do interior da Inglaterra, inclusive Shrewsbury, pelos quais barcos com passageiros são puxados por cavalos.

[9] J. S. Peter Hales, morava perto dos Darwin em Shrewsbury.

[10] *Mountain ash* no original, espécie *Sorbus aucuparia*.

[11] Susannah [Wedgwood] Darwin (1765-1817).

[12] F. D. transcreve como "*meeting me*" em vez de "*meeting us*". O manuscrito e J.S. concordam em "*us*".

[13] Sarah Elizabeth Wedgwood (1778-1856) e Catherine Wedgwood (1774-1823), tias de Darwin.

[14] Susan Elizabeth Darwin (1803-1866), irmã de Darwin.

[15] F. D. grafa *easily* em vez de *early*. A transcrição de Secord e o manuscrito indicam *early*.

[16] A Batalha de Warterloo ocorreu em 18 de junho de 1815, Darwin tinha, portanto, seis anos e meio de idade.

[17] Os últimos parágrafos (desde "Catherine se lembra de minha mãe chorando [...]") estão no verso da primeira página do manuscrito, porém a próxima sessão (1817) começa logo após "'era apenas para meu próprio bem'". Seguimos a reorganização de F. D.; a transcrição de J. S. é levemente diferente.

[18] F. D. Uma escola diurna em Shrewsbury mantida pelo Reverendo G. [George] Case, ministro da Capela Unitária (*Life and Letters*, v. 1, p. 27 *et seq.*). [*Autobiography* (1958), p. 22.

[19] F. D. A história aparece em *Life and Letters*, v. 1., p. 28), com detalhes levemente diferentes. [*Autobiography* (1958), p. 23. *Crocus* refere-se a um gênero muito diverso de plantas floridas com muitas traduções para o português].

[20] Destacado em F. D., grifado no manuscrito.
[21] Cidade próxima a Shrewsbury.
[22] Erasmus Alvey Darwin (1804-1881), irmão de Darwin.
[23] F. D. Darwin entrou na escola do Dr. Butler em Shrewsbury no verão de 1818 e ficou lá até 1825 (*Life and Letters*, v. I, p. 30). [*Autobiography* (1958), p. 25].
[24] F. D. Plas Edwards, em Towyn, na costa gaulesa. [Atualmente o nome da cidade é grafado como Tywyn].
[25] Trata-se de um erro de grafia, F. D corrige para *Zygaena* e informa serem mariposas burnet. *Cimex* é um gênero de besouros. Os gêneros não estão destacados no manuscrito.
[26] *Toasted* está grifado no manuscrito e segue destacado em J. S., mas isso é ignorado na transcrição de F. D.
[27] J. S. Pistyll Rhaeadr [grafia gaulesa correta] é uma cachoeira famosa (a mais alta da Inglaterra e do País de Gales) localizada nas montanhas gaulesas a nordeste.

Citação bibliográfica deste artigo:
NAVARRO, Pedro de Lima. O primeiro relato autobiográfico de Darwin: Tradução do Manuscrito "Vida" de 1838. *Boletim de História e Filosofia da Biologia*, **13** (3): 10-15, set. 2019. Versão online disponível em: <http://www.abfhib.org/Boletim>. Acesso em dd/mm/aaaa. [colocar a data de acesso à versão online]

OBJETIVOS DO BOLETIM

O objetivo do "Boletim de História e Filosofia da Biologia" é divulgar informações de interesse dos pesquisadores e estudantes interessados em história e filosofia da Biologia. Com periodicidade trimestral, este Boletim traz informações atualizadas sobre congressos e outros eventos relevantes (no Brasil e no exterior), novas publicações da área (livros e revistas), informações sobre teses e dissertações, informes sobre as atividades da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB), bem como artigos curtos, descritos abaixo.

Poderão ser publicados no "Boletim de História e Filosofia da Biologia" artigos assinados (curtos) que discutam temas gerais de interesse da área como, por exemplo, a metodologia da pesquisa em história e filosofia da biologia, ou o uso da história e filosofia da biologia no ensino; bibliografias comentadas sobre tópicos específicos de história e filosofia da biologia; e textos de divulgação. Podem também ser publicadas resenhas, assinadas, de livros recentes sobre história e/ou filosofia da biologia, bem como tradução de trechos de fontes primárias relevantes da história e/ou filosofia da biologia, acompanhada de breve introdução e notas. Os artigos devem ser submetidos aos Editores deste Boletim (ver endereços no Expediente, ao final deste número). Todos os artigos submetidos devem ser elaborados tendo em vista os padrões acadêmicos usuais.

Boletim de História e Filosofia da Biologia **ISSN 1982-1026**

*Expediente***.** O "Boletim de História e Filosofia da Biologia" é uma publicação trimestral da Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB), iniciado em setembro de 2007, por Roberto de Andrade Martins. A partir de março de 2011 passou a ser editado por: Maria Elice Brzezinski Prestes, eprestes@ib.usp.br (Universidade de São Paulo); Lilian Al-Chueyr Pereira Martins, lilian.pereira.martins@gmail.com (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto); Aldo Mellender de Araújo, aldo1806@gmail.com (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Waldir Stefano, stefano@mackenzie.br (Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Cruzeiro do Sul).

Editores assistentes deste fascículo: Christine Janczur e Victor da Rocha Piotto.

Endereço eletrônico: boletim@abfhib.org. URL: http://www.abfhib.org/Boletim/.

Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia (ABFHiB)

Diretoria:

Presidente: Ana Maria de Andrade Caldeira (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / Bauru)

Vice-Presidente: Maurício de Carvalho Ramos (Universidade de São Paulo)

Secretário: Frederico Felipe de Almeida Faria (Universidade Federal de Santa Catarina)

Tesoureira: Viviane Arruda do Carmo (GHTB/USP)

Conselho:

Aldo Mellender de Araújo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Lilian Al-Chueyr Pereira Martins (Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto)

Maria Elice Brzezinski Prestes (Universidade de São Paulo)

Nelio Marco Vincenzo Bizzo (Universidade de São Paulo)

http://www.abfhib.org

ISSN 1982-1026

9 771982 102006